

Costumes em comum: as bases da liberdade individual americana, a partir de Tocqueville¹

Vitor Tadashi Vianna Suzuki

Resumo: Neste artigo apresentamos a visão do pensador Alexis de Tocqueville a respeito dos costumes norte-americanos no início do século XIX, tendo por base as descrições e comentários que o autor apresentou no seu livro. *A Democracia na América vol 2 (1840)*. Os principais temas discutidos pelo autor e aqui apresentados são a religião, o sistema hierárquico e a ambição americana. O principal objetivo de apresentar esses temas é discutir a presença do conceito de liberdade individual nos costumes norte-americanos. Ao apresentar esses conceitos, fazemos o contraponto com as ideias do filósofo e economista britânico, Stuart Mill.

Palavras-chave: Liberdade individual, Estados Unidos, Democracia na América, Tocqueville, Mill, Individualidade

Introdução

Esse artigo tem como objetivo, compreender os costumes vigentes nos primórdios da configuração do Estado norte-americano, no século XIX, e demonstrar, de acordo com Tocqueville, como a liberdade individual é valorizada desde o início daquela nação, a partir da análise contida no livro *A Democracia na América*, mais especificamente, no segundo volume desta obra. Esta, foi escrita pelo pensador, Alexis-Charles-Henri Clérel, conhecido como Alexis de Tocqueville. Ao tratar do conceito de liberdade, relacionamos ainda as idéias de Tocqueville com o ideal de liberdade que John Stuart Mill descreve em 1859 no seu livro *Sobre a Liberdade*.

Alexis de Tocqueville, francês nascido em 29 de julho de 1805 e falecido em 16 de abril de 1859, pertencia a uma família aristocrática normanda que teve seu avô Marquês de Rosambo executado pela revolução francesa. Hobsbawm descreve em seu livro *Ecos da Marselhesa* que Tocqueville era liberal moderado, sem consciência de classe (HOBBSAWM, 1990, p. 25). Segundo Hobsbawm, o pensador aristocrata entendia que a revolução francesa trouxe marcas para o mundo que não poderiam

¹ Esse artigo foi elaborado como trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em História da PUC-SP e foi escrito sob a orientação da professora Dra Ana Hutz.

ser mudadas, e que a democracia seria inevitável daquele momento em diante (HOBSBAWM, 1990, p.45-46).

Quando é lançado o segundo volume da obra, *A Democracia na América*, Tocqueville demonstra as características únicas que os Estados Unidos tinham, e a oportunidade, no entendimento dele, de obter uma verdadeira democracia. Nesse contexto, essa parte da obra ajuda o propósito deste artigo, que é conseguir entender melhor a noção de liberdade individual dentro dos costumes americanos nos Estados Unidos do século XIX.

De tal forma, Tocqueville demonstrou aspectos dos costumes americanos, que acabou evidenciando a importância da individualidade para essa sociedade, reconhecidamente fundante na forma de ser daquele país. Daí o objetivo do presente artigo, que é o de resgatar, dessas suas representações, como os costumes americanos ajudaram na afirmação da liberdade individual naquela nação e seu povo.

Para o Mill existem duas mentalidades para a liberdade, uma positiva, que com a liberdade, o indivíduo consegue ter um enorme senso crítico, e assim favorecendo a sociedade por conta de suas atitudes, e outra negativa, que ocorre quando a liberdade não tem limite, desta forma a liberdade de um cidadão acaba invadindo e limitando a do outro, Tocqueville enxerga da mesma maneira que o Mill, segundo os intelectuais, a liberdade individual excessiva é ruim para a nação (CAMPOS, 2012, p. 10).

Alexis Tocqueville: um defensor oficial da liberdade e igualdade

Alexis de Tocqueville era de uma família aristocrata normanda. Nasceu no dia 29 de julho de 1805 em Paris. Entre 1820 e 1823, Tocqueville estudou no Collège de Metz em Moselle, onde o seu pai era prefeito, no ano de 1826 Tocqueville se formou em direito em Paris, e neste mesmo ano, ele viaja para Sicília na Itália, quando o pensador retorna para França em 1827, o seu pai o nomeia juiz-auditor em Versalhes (FURET, 1835, p. LV).²

Entre 1829 e 1830, Tocqueville frequenta os cursos de Guizot na Sorbonne, onde estudou a história da civilização europeia, e em 1831 o intelectual decide ir ao Estados Unidos. A princípio, o motivo de Tocqueville escolher visitar o Novo Mundo e não outros lugares é um mistério, existem tem boatos, mas nenhum deles tem como provar o porquê dele escolher visitar tal local. Para conseguir apoio financeiro para realizar viagem, Tocqueville avisa que irá visitar os Estados Unidos em busca de novos conhecimentos para conseguir ajudar a reforma das prisões francesas, mas isso não se passava de um pretexto para seu plano intelectual (FURET, 1835, p. LV).

Na viagem para América, o jovem aristocrata teve a oportunidade de conhecer uma pátria construída por uma democracia não revolucionária, e para Tocqueville isso deu uma enorme vantagem para democracia americana, já que em uma democracia alcançada por uma revolução, era necessária uma longa batalha contra a aristocracia, e mesmo após a vitória sobre ela, os aristocratas guardam mágoas dos seus oprimidos que agora são seus opressores, e ainda se sentiam superiores a os demais, e os indivíduos que faziam parte da base da hierarquia social, olham para seus antigos superiores, agora iguais, com olhares de triunfo e raiva (TOCQUEVILLE,1840,p.124-125).

A grande vantagem dos americanos é terem chegado à democracia sem terem precisado passar por revoluções democráticas e terem nascido iguais, em vez de terem se tornado.
(Tocqueville,1840,p.124)

Em março de 1832, Tocqueville volta de viagem dos Estados Unidos, e em 1833 ele publica um relatório sobre o sistema penitenciário americano sob o título *Du systeme pénitentiaire aux États-Unis et de son application en France* (FURET, 1835, p. LV).

Durante 1835, ocorre a publicação do primeiro volume da *Démocratie* e seu segundo volume só acaba saindo em 1840 (FURET, 1835, p. LV-LVI). Neste período de cinco anos, Tocqueville disputa as eleições legislativas do distrito de Valognes em 1837, próximo do castelo do mesmo, mas acaba não se elegendo e consegue somente sua eleição em 1839, (FURET, 1835, p. LVI). Como deputado de Valognes, Tocqueville terá três grandes feitos, sendo eles, os relatórios sobre a reforma das prisões, a abolição da escravidão nas colônias e sobre assuntos relacionados a Argélia (FURET, 1835, p. LVI).

Em abril de 1848, Tocqueville conservou seu mandato legislativo na Assembleia Constituinte após a Revolução de Fevereiro (FURET, 1835, p. LVI). Foi membro do comitê encarregado de criar uma nova Constituição, de Junho de 1849 até outubro deste ano, Tocqueville se firmou como Ministro dos Negócios Estrangeiros do príncipe Luís Napoleão, Presidente da República na época (FURET, 1835, p. LVI).

Entretanto, quando o príncipe protagonizou o golpe de Estado em dezembro de 1851, Tocqueville se opôs ao ato, interrompendo todas as suas atividades públicas (FURET, 1830, p. LVI). Então, em 1852, Tocqueville se dedica ao trabalho de documentação, que levará à redação de *L'Ancien Régime et la Révolution*, livro que, para o escritor, era o primeiro volume de uma história da Revolução, tendo a obra publicada em 1856, e em 1859 Alexis-Charles-Henri Clérel acaba falecendo, deixando essa obra incompleta (FURET, 1835, p. LVI).

Liberdade individual e o pensamento norte-americano

Durante a ida de Tocqueville a América, ele elabora a obra *Democracia na América* volume II, encantando-se com o norte dos Estados Unidos, pois para Tocqueville, a parte norte dos Estados Unidos, tinha a possibilidade de desenvolver uma democracia mais completa que as europeias. De acordo com seu pensamento, enquanto na Europa, por conta de seu passado aristocrático, seria mais difícil consolidar uma democracia, para Tocqueville, todos os setores da sociedade europeia teriam resquícios de um pensamento aristocrático, e isso traria uma enorme dificuldade para o desenvolvimento da democracia na Europa. Tocqueville deixa claro, que o sul das colônias estadunidenses, mesmo não tendo um passado aristocrático, tem uma mentalidade aristocrática pelo presente escravismo em sua economia (TOCQUEVILLE, 1840, p. 123-124).

A partir da constatação Tocqueville faz a comparação da sociedade americana com a europeia, trazendo os pontos, cultura e costumes norte-americanos, e comparando essas relações com a sociedade europeia. A exposição dos costumes americanos no século XIX que Tocqueville realiza, acaba mostrando como a noção de liberdade individual, que John Stuart Mill descreve no seu livro *Sobre a Liberdade*,

era presente nos Estados Unidos. Dentro do artigo apresento aspectos que mostram como a população americana tinha gosto pela sua liberdade individual.

A noção de liberdade de Tocqueville, é extremamente ligada à mentalidade de igualdade do intelectual. Segundo o pensador, a liberdade só era possível com uma igualdade de condições. Na obra *A Democracia na América* Tocqueville compara a sociedade aristocrática europeia, com a comunidade democrática dos Estados Unidos, e o autor nota que, na sociedade aristocrática a desigualdade social de condições era inevitável, pois pessoas nasciam para comandar e outras nasciam para ser subordinadas por conta da mentalidade religiosa. (REIS, 2002, p.22) Conforme afirma Reis:

A sociedade aristocrática, segundo ele, baseava-se na desigualdade social de condições e tinha como suposto a vinculação dos homens a uma cadeia de mando e obediência que os fazia perceberem a si mesmos como desiguais. A desigualdade, acreditavam eles, era uma condição irrevogável, que não derivava de qualquer convenção instituída pelos próprios homens, mas estava fundada sobre tradições perenes, fixadas em um tempo longínquo, de modo que lhes apareciam como uma ordem normativa que transcendia suas vontades, "uma obrigação de certo modo divina".
(REIS, 2002, p.22)

Porém na democracia, essa posição fixa na hierarquia social foi quebrada, para Tocqueville, as condições sociais foram aproximadas, assim os indivíduos da sociedade se viam como semelhantes, segundo o autor, a igualdade de condições estava ligada à inexistência de submissão permanente. Na visão do pensador, a igualdade absoluta nunca existiria, pois os indivíduos são naturalmente diferentes, sempre teriam classes sociais superiores umas às outras, entretanto, a condição social do indivíduo era móvel, mesmo tendo uma classe de senhores e uma de servidores, o empregado tinha escolhido ceder sua liberdade em troca de algo, podendo romper com esse acordo quando desejado (REIS, 2002, p.23-24).

Numa sociedade democrática, Tocqueville pontua que a liberdade individual levaria o indivíduo a ter posições egoístas, pretendendo somente aumentar seus bens pessoais, e deixando os assuntos públicos de lado, mas com uma comunidade igualitária, de acordo com o pensamento do autor sobre igualdade, o associativismo causado por conta da igualdade, levaria os indivíduos para os assuntos públicos, e conseqüentemente o associativismo permitiria que grupos minoritários se unissem

para reivindicar seus direitos sobre uma força opressora maior (GAHYVA, 2012, p.175-176). Segundo Gahyva:

Lá Tocqueville identificou uma sociedade na qual a igualdade não obliterava uma intensa vida associativa. Ou seja, se as paixões democráticas poderiam conduzir à apatia pública, o associativismo reinseria cotidianamente a virtude cívica nos espíritos dos norte-americanos, e o individualismo egoísta convertia-se em interesse bem compreendido.
(GAHYVA, 2012, p.175-176)

Assim, no âmbito da sociedade que tem suas bases na liberdade e igualdade, as leis são feitas por pessoas livres e iguais, então seu destino está sendo traçado por pessoas iguais, assim não havendo diferença entre políticos e cidadãos, segundo Tocqueville a liberdade estava interligada a igualdade, uma não consegue obter sucesso sem a outra. Diferentemente da sociedade aristocrática, o cidadão não está sendo subserviente ao seguir uma lei, pois na aristocracia as regras eram feitas por pessoas diferentes com privilégios, enquanto na democracia as leis foram feitas por iguais, assim o indivíduo que as seguisse não estava sendo subserviente (REIS, 2002, p.31-32).

A noção de liberdade democrática, para Tocqueville, se baseava em três fatores, a independência individual, que estava ligada com cada indivíduo poder decidir e tomar suas próprias atitudes, o senso de responsabilidade coletiva dos cidadãos, com as pessoas participando da vida pública, e a qualificação da igualdade, pois somente com o pensamento de indivíduos iguais, poderia ser realizado a liberdade dos indivíduos (REIS, 2002, p.61-62).

Tendo sido explicado a visão do Tocqueville sobre a liberdade, o intelectual adverte sobre a liberdade total sem ter um controle, ela pode levar o indivíduo a ter um descontrole sobre a responsabilidade coletiva, assim Tocqueville acredita que a religião impede os cidadãos de fazerem um mal uso de sua liberdade, pois as leis estão presentes para limitar a liberdade dos indivíduos, e a religião faria presença para evitar que uma pessoa tente violar a lei por ser moralmente errado (REIS, 2002, p.60-61).

No entendimento sobre a liberdade individual, Stuart Mill afirma que os indivíduos precisam de liberdade, para pensar, realizar e agir da maneira que o mesmo acha correta, pois com essa liberdade completa, a sociedade se valerá de

diferentes tipos de caracteres, que a agrega, pois a diversidade de ideias, leva vantagens para a construção e conjunto sociais. Porém, essa individualidade, teria como limite a liberdade do próximo, pois essa liberdade individual só poderia ser plena, quando não atrapalhasse ninguém, a partir do momento que ela interfere na vida do outro, ela deve ser controlada e ou limitada (MILL,1859,p.58).

A individualidade é um papel fundamental na sociedade, pois para melhorar qualquer setor da comunidade, a liberdade individual influencia diretamente, por conta de que uma sociedade que tem à liberdade individual garantida, sua população tende a ter mais qualidade, tanto em sua profissão, como no exercício de cidadão, em virtude de suas experiências e aprendizagens que sua liberdade a lhe trouxeram (MILL,1859,p.59).

Quanto mais cada pessoa desenvolve a sua individualidade, tanto mais se torna valiosa para si própria, e pode por isso ser mais valiosa para os outros.
(MILL,1859,p.63)

A experiência humana leva um compreensão sobre diversos aspectos da sociedade, que tornam certos costumes como corretos, porém a juventude tendo sua própria individualidade, pode expor e contrapor ideias, irem contra elas, isso não quer dizer, que os costumes uma vez corretos, tenham que ser completamente ignorada, se o indivíduo compreende a maneira de pensar que foi proposta, mas da mesma forma ele acredita que seria melhor seguir outro caminho, essa decisão teria que ser respeitada pelos outros.

A natureza humana não é uma máquina para ser construída segundo um modelo, e para se pôr a fazer o trabalho que lhe é estabelecido, mas sim uma árvore que precisa crescer e se desenvolver em todos os aspectos, de acordo com a tendência das forças internas que fazem dela um ser vivo
(MILL,1859,p.60)

Resumidamente, a individualidade seria a mesma coisa que o desenvolvimento, pois uma sociedade com a sua liberdade individual respeitada, torna a população com capacidade de questionar e ouvir sobre ideias contrárias e ou as que o corroboram, formando pessoas desenvolvidas em seu âmbito intelectual e automaticamente no social, isso consequentemente melhorar todos os setores da comunidade. (MILL,1859,p.64)

Tendo exposto a ideia da liberdade individual de acordo com Stuart Mill a seguir serão mostrados aspectos dessas liberdades individuais na sociedade americana do século XIX, onde é possível observá-las, por conta dos relatos feitos por Alexis de Tocqueville em sua passagem pela América, e o primeiro ponto que irei abordar é a questão religiosa da América.

Costumes americanos

Os Estados Unidos, que antes de sua formação como nação, eram apenas 13 colônias independentes uma das outras, teve seu povoamento por órfãos, crianças sequestradas, mulheres sem posse, aventureiros, comerciantes, negros e africanos, degredados e perseguidos religiosos, desses, os perseguidos religiosos, foram nominados pela historiografia como peregrinos eram de sua maioria puritanos (protestantes calvinistas) (KARNAL, 2007, p.46-47).

Os puritanos que vieram à América exerciam um papel de liderança ideológica sobre os demais do grupo, pois os protestantes calvinistas disseminavam a ideia da “moral coletiva” que um erro individual poderia comprometer o grupo, eles relacionam os eventos da Bíblia com o que acontecia com eles, como os judeus fugiram e tiveram diáspora do Egito, os puritanos tiveram diáspora da Inglaterra, os judeus vão para Canaã, os puritanos vão para as américas, assim consolidando a ideia que as américas seriam a nova Canaã e os protestantes seriam os escolhidos de Deus (KARNAL, 2007, p.47).

Segundo pesquisas norte-americanas, o Calvinismo é a religião base do país até os dias de hoje.³ Ela influenciou no pensamento da sociedade americana, e conseqüentemente, teve forte influência sobre a ideia de liberdade individual nos Estados Unidos, que vou demonstrar nos casos logo abaixo.

Para o pensador, o que diferencia o Evangelho, é que ele aborda a relação geral dos homens com Deus entre si, mas fora disso, ele proporciona uma liberdade em todos os outros fatores da sociedade, e isso tem uma enorme influência

³ SEM AUTOR. America's Changing Religious Landscape. Pew Research Center, cidade de publicação, 12 de Maio de 2015. Disponível em: <https://www.pewforum.org/2015/05/12/americas-changing-religious-landscape/>. acessado em 12 de outubro de 2021.

sobre o ideal de liberdade individual, já que em sociedades moldadas em outras religiões, a religião procura ter um maior controle sobre os costumes do indivíduo (TOCQUEVILLE, 1840, p. 26).

Segundo Tocqueville, as principais religiões tentam modelar seus seguidores a respeitarem uma série de regras e dogmas, a respeito do aspecto monetário. O protestantismo segue uma linha diversa, ele procura conduzir a vontade do homem de enriquecer como algo positivo, onde que, se o patrimônio que o indivíduo construiu foi de maneira digna, os pastores demonstram apoio a essa pessoa, e ela vira um exemplo para o restante dos fiéis, basicamente os protestantes calvinistas apoiavam seus seguidores a conquistar riqueza (TOCQUEVILLE, 1840, p. 30).

Na visão do autor, na América os pastores têm uma enorme autonomia sobre a religião, porém ele entende os limites que a religião pode abordar, e ainda procura respeitar o aspecto ideal e político que sua população acredita, assim ele entrega uma maior independência e estabilidade para cada indivíduo. Nesse momento, fica claro como a fé na América fortalece o princípio de liberdade individual, pois a religião não tem o intuito de domar seu adepto, e sim de agregar sua vontade dentro dos princípios calvinistas (TOCQUEVILLE, 1840, p.31-32).

Além do aspecto religioso, outro costume de extrema importância para ser analisado sob a perspectiva da liberdade individual, é a relação entre o contratado e o contratante, e como era tratado o sistema hierárquico na América. Exemplo, o chefe e do criado na América, é extremamente perceptível como a mentalidade liberal é impregnada neste setor, Tocqueville pontua que o funcionário dentro do contrato estabelecido junto com seu patrão, responde e acata todos os deveres estabelecidos naquele contrato, e respeita o seu chefe. Seu patrão, em contrapartida, se limita a mandar e exigir, apenas o que foi proposto em seu contrato com o servidor. Porém, fora do ambiente de trabalho, onde acaba a validade deste contrato, a visão do servidor sobre seu amo, é de apenas um cidadão da mesma forma que ele (TOCQUEVILLE, 1840, p.223-224).

Para o escritor, um contratado tem a mentalidade que se ele tem totais condições de assumir a posição do seu chefe, e que aquela posição que ele atualmente ocupa, é algo temporário, que foi definido ao ceder sua liberdade individual e seguir o que foi definido no contrato. Essa análise se dá pelo norte do

território estado-unidense, já que no sul a escravidão impera sobre os trabalhos e a relação entre servidor e amo (TOCQUEVILLE,1840, p.227).

Entre os proprietários de terras e os arrendatários, dificilmente os arrendatários firmavam contratos de longas durações, pois Tocqueville nota que os mesmos tinham medo de firmar tais contratos, pois os arrendatários tinham a ambição de uma mudança nas suas vidas, e um contrato de longa duração poderia atrapalhar essas mudanças (TOCQUEVILLE,1840, p.227). Dentro desta relação, é perceptível ver, como o ideal de liberdade individual é preservado com os contratos de mais curta duração, pois o arrendatário além de acreditar que seria possível ele mudar de condição social em um curto ou médio período, ele não quer perder sua liberdade por um longo período por conta de um contrato (TOCQUEVILLE,1840, p.231).

No caso do operário americano e o dono da indústria, a relação demonstra ser diferente das anteriores, como já citado no artigo, o trabalhador americano de maneira geral, definia as obrigações tanto do contratado, como do contratante; assim, o contratado não via seu superior no trabalho como alguém melhor do que ele, para o indivíduo, aquilo era uma formalidade, pois o mesmo tinha aceitado o contrato (TOCQUEVILLE,1840, p.231). Porém na indústria americana, Tocqueville percebe que os operários observavam os lucros que a empresa obtinha, e reivindicava melhores salários e condições de trabalho, a liberdade individual que cada pessoa tinha na sociedade americana, levava ela a se tornar mais crítica sobre todos os aspectos da sociedade, e isso não fugia do fabro americano (TOCQUEVILLE,1840, p.233).

Entretanto, o intelectual relata que, como os patrões têm muito mais recursos que os operários, o dono da indústria tinha mais poder de influência sobre o trabalhador, assim o operário acabava aceitando voltar a trabalhar, mesmo tendo o conhecimento que merecia melhores condições de trabalho, a necessidade por dinheiro para se manter falava mais alto (TOCQUEVILLE,1840, p.235), Neste contexto, é mostrado como desde os primórdios do operário americano, o tema sobre o direito do trabalho foi desenvolvido pelo próprio grupo. Além de mostrar a liberdade tanto do operário, como a do patrão para tomar suas atitudes em benefício próprio (TOCQUEVILLE,1840, p.235).

No lado familiar, é interessante notar a relação que o pai tem com seus filhos, quando o filho nasce, até ele conquistar uma maturidade intelectual, o pai tem uma

relação autoritária com o filho, tomando todas as decisões que cercam o filho (TOCQUEVILLE,1840, p.237). Porém quando o filho atinge certa maturidade intelectual, ele vai se tornando cada vez mais independente, e começa a traçar seu próprio caminho, em contrapartida o pai não tenta ir contra essa independência do filho, pois o mesmo acredita que essa liberdade é um bem que o seu sucessor tem direito (TOCQUEVILLE,1840, p.238). Assim, Tocqueville expõe em seu livro, que o pai que ocupa o topo da cadeia hierárquica na família, acaba não tendo poder para decidir o que o filho deve ou não fazer, pois o mesmo entende que o conceito da liberdade deve prevalecer sobre o filho, e ele tem direito sobre essa liberdade (TOCQUEVILLE,1840, p.238).

Sobre o aspecto feminino da época, dá para notar o conceito da liberdade individual, pois mesmo com todo machismo presente no século XIX, a mulher tem maior possibilidade de independência nos Estados Unidos (TOCQUEVILLE,1840, p.238). Pois segundo Tocqueville, ela não é submetida a uma ignorância completa, que normalmente é imposto sobre ela pela sociedade desta época. A mulher procura ter um pensamento próprio sobre diversos assuntos, e acaba tendo a oportunidade de escolher seu futuro (TOCQUEVILLE,1840, p.246). Infelizmente toda essa independência é deixada de lado no momento em que ela se casa. Porém quando ela se casa, ela sabe exatamente o que espera, assim, tendo ela mesma traçado seu destino (TOCQUEVILLE,1840, p.249).

Neste sentido, é mostrado como a liberdade individual é valorizada pela população americana, e que com essa valorização, quando um indivíduo conquista bens e vantagens patrimoniais, ele tem intenção de demonstrar suas conquistas da mesma forma que elas o enaltece, e conseqüentemente acaba exaltando o seu país. Em seu relato de viagem, Tocqueville demonstra o quanto os americanos engrandecem o seu país, e acham que os Estados Unidos é uma nação muito mais evoluída que as demais.

Digo a um americano que o país em que vive é belo; ele réplica: “É verdade, não há igual no mundo!” Admiro a liberdade de que gozam seus habitantes e ele me responde: “É um dom precioso, a liberdade! Mas há poucos povos que são dignos de gozar.” Noto a pureza de costumes que reina nos Estados Unidos: “Entendo”, diz ele, “que um estrangeiro, que ficou impressionado com a corrupção que se vê em todas as outras nações, fique pasmo com esse espetáculo.” Deixo-o

enfim entregue à contemplação de si mesmo; mas ele volta até a mim e não me larga, enquanto não consegue me fazer repetir o que acabo de lhe dizer. Impossível imaginar patriotismo mais incômodo e mais tagarela. Ele cansa mesmo quem o honra.

(TOCQUEVILLE,1840, p.281)

Neste momento (séc. XIX) na América do norte, a ambição financeira não se dá somente pelo dinheiro, mas sim tudo o que ele envolve, o fator financeiro nesta época dá ao cidadão americano prestígio na sociedade, isto faz com que os americanos criem um vínculo de amor a riqueza, pois a riqueza demonstra que o indivíduo por base de sua individualidade, conseguiu conquistar o que essa sociedade julga como sucesso.

A distinção que nasce da riqueza aumenta com o desaparecimento e a diminuição de todas as demais.

(TOCQUEVILLE,1840, p.286)

Tocqueville descreve que a indústria é vista como o meio mais rápido para alcançar um sucesso econômico, porém um projeto de tanta audácia, tem um grande risco para a pessoa que propõe tomar este rumo, por conta disso, o cidadão americano tem admiração pela decisão que o indivíduo tomou e assim certo altruísmo com pessoas que acabam falindo, não diminuindo o valor e a honra da pessoa (TOCQUEVILLE,1840, p.296).

Como no caso dos Estados Unidos, que não tinha grande fortuna construída no momento (séc. XIX), e com a volatilidade de uma pessoa rica perder seus recursos, e um indivíduo pobre conseguir uma quantidade significativa de dinheiro, a ideia que o trabalho e o individualismo poderia levar o indivíduo a conquistar suas ambições patrimoniais era muito presente na sociedade. Com isto posto, grande parte da população americana tem o desejo e se dedica, a conquistar uma pequena fortuna, e se doar de corpo e alma para conquistar esse objetivo (TOCQUEVILLE,1840, p.295-296). No campo político, o governo tem o duro trabalho de saciar e ajudar esta ambição desenfreada, porém este é um campo muito difícil de se trabalhar, pois mesmo que o governo busque atender as demandas que são solicitadas, sempre acaba surgindo novas demandas (TOCQUEVILLE,1840 p. 312-313).

O pensador descreve que a ambição econômica traz para a população o desejo de paz, já que o medo de se perder o que foi conquistado em base do seu trabalho, assombra os cidadãos. O cidadão americano por querer progredir financeiramente, entende a importância da sua liberdade individual, e assim tende a um desejo de paz, pois seja no meio da indústria ou do comércio, para que consiga tomar as suas decisões, e assim levar ele a um sucesso financeiro, os tempos de paz são necessários para o crescimento de seus empreendimentos, enquanto em cenários de guerra, essa sua liberdade de realizar projetos fica mais instável, contando com uma volatilidade que não depende só do mesmo. não se diz respeito apenas do empresário ou o dono da indústria, pois até mesmo os funcionários criam planejamento para mudar seu status social (TOCQUEVILLE, 1840 p. 332).

Considerações finais

Impressionado com os Estados Unidos, Tocqueville relata em sua obra, as vantagens que no norte dos Estados Unidos a sociedade possuía segundo o pensador, que sem uma ligação com a aristocracia, a democracia e a mentalidade liberal naquele local poderia prosperar, já na sociedade francesa, mesmo que sua população tenha conquistado a democracia, sua cultura e seus costumes tinham ligações diretas com o pensamento aristocrático, que para o intelectual, era diferente da América, já que a mentalidade norte americana se constituía desde o princípio ligado ao pensamento liberal. São evidenciados diversos pontos dos costumes americanos, que para Tocqueville, demonstra como o pensamento liberal nos Estados Unidos se encontra presente, e que essas peculiaridades são encontradas de maneira pura na população americana.

Dentro desses costumes apresentados no artigo, é notável como a noção de liberdade individual escrita por John Stuart Mill no seu livro *Sobre a Liberdade* é encontrado nos relatos de Tocqueville sobre os costumes norte americanos, como Mill pontua em seu texto, que uma sociedade que valorizasse a individualidade dos seus cidadãos, futuramente teria uma comunidade melhor desenvolvida, já que com sua liberdade individual preservada, o indivíduo seria mais apto em todas as áreas, teria mais experiência e sabedoria por conta das escolhas que foram feitas por ele, consequências de sua liberdade individual preservada.

Durante a passagem de Tocqueville sobre os Estados Unidos, Hobsbawm afirma que Tocqueville foi à América para afirmar se uma democracia poderia funcionar sem produzir o jacobinismo e uma revolução social (HOBSBAWM, 1990, p.46), com isso, o pensador aristocrata, acabou destrinchando parte da cultura e costumes norte americanos, onde foi possível dentro desse artigo, relacionar, e demonstrar como o princípio de liberdade individual, que Mill descreve no seu livro, era presente e valorizada na sociedade americana.

Fonte

TOCQUEVILLE, A. **Democracia na América II**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MILL, J. **Sobre a Liberdade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011

Referências Bibliográficas

CAMPOS, G **CONSIDERAÇÕES SOBRE DIREITO, LIBERDADE E ESTADO EM KANT, TOCQUEVILLE E STUART MILL**. Pensar Acadêmico, Manhauçu, v. 6, n. 1, p. 08-12, jan/jun. 2012. Disponível em : <http://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/1068>

FURET, F. Prefácio, bibliografia e cronologia. In: TOCQUEVILLE, A. **Democracia na América I**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GAHYVA, H **De Boulainvilliers a Tocqueville: da liberdade como defesa de privilégios à liberdade como defesa de diferenças**. Sociologias, Porto Alegre, ano 14, n 31, p. 168-190, set./dez. 2012. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/soc/a/cGjKhbT59LHG55SKWw8p8Fn/?format=pdf&lang=pt>

HOBBSAWM, E **Ecos da Marselhesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KARNAL, L. **História dos Estados Unidos**. São Paulo: Editora contexto, 2007

REIS, H. **A liberdade do cidadão: uma análise do pensamento ético-político de Alexis de Tocqueville**. Tese (Pós-Graduação em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015.

SEM AUTOR. **America's Changing Religious Landscape**. Pew Research Center, cidade de publicação, 12 de Maio de 2015. Disponível em: <https://www.pewforum.org/2015/05/12/americas-changing-religious-landscape/> acessado em 12 de outubro de 2021.